

A UTILIZAÇÃO DE OBRAS DA LITERATURA BRASILEIRA EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA

**Ana*

Claudia Nascimento¹

**Suzana da Silva Souza²*

Resumo:

A popularização das histórias em quadrinho e sua intertextualidade com outras formas de arte é cada vez mais presente na cultura ocidental contemporânea. São histórias com personagens criados dentro de um tipo específico de texto para um público fiel. Essas histórias trabalham diretamente com a mediação entre ilustração e literatura. Porém, o universo criativo das "HQ's" está ampliando ainda mais seu leque de características com a adaptação de clássicos da literatura nacional e internacional para este gênero mais moderno. Sob a ótica dos professores de Literatura e Língua Portuguesa do Ensino Médio e das vivências em sala de aula, analisaremos os aspectos positivos e negativos da utilização de adaptações de obras clássicas da literatura brasileira para HQ's em sala de aula.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Adaptações literárias. Sala de aula.

Introdução

As histórias em quadrinho fazem parte do conhecimento literário e cultural de muitas gerações no Brasil. Abrangem personagens clássicos e memoráveis, como também servem de base artística para vários escritores, desenhistas e, até mesmo, críticos chargistas.

No Brasil, atribui-se ao cartunista italiano Angelo Agostini o início dessa arte como manifestação literária no ano de 1869 (muito antes da criação popular nos Estados Unidos, representada pela obra "Yellow Kid"). A obra de Agostini "As aventuras de Nhô Quim" ou "Impressões de uma viagem à Corte" é considerada como uma verdadeira história em quadrinhos. Dentre os elementos atualmente conhecidos nos HQ's modernos, é possível perceber a disposição ocidental ordenada das ilustrações e elementos textuais. De lá para cá, a produção de HQ's no Brasil e no mundo foi bastante expansiva.

1* Acadêmicas do Curso de Letras Português e respectivas Literaturas das Faculdades Integradas de Taquara - Faccat.
acsn.sa@gmail.com

2suzanasouzamesmo@hotmail.com

Contudo, a história desse gênero textual se solidifica nos Estados Unidos, com a diversidade e expansão gráfica no país. Elementos iconográficos começam a ser inseridos em anúncios, bem como personagens criados com a função de se tornarem marcantes ou símbolos de determinado produto ou segmento social. Nos anos de 1895 a 1900 os periódicos estadunidenses começam a publicar os primeiros personagens das HQs.

Junto à popularização das histórias em quadrinhos, suas adaptações para o cinema tornaram-se também evidências de uma nova cultura. Em contrapartida, podemos perceber um novo movimento, no sentido de adaptar uma obra literária para os quadrinhos. Surgem adaptações de obras eruditas e filosóficas como "Assim falou Zaratrusta" de Nietzsche, "Robinson Crusóé" de Daniel Defoe e ainda de clássicos da Literatura Universal, como "Dom Quixote" de Miguel de Cervantes e "Odisseia" de Homero. Reduzindo a abrangência de análise apenas para as adaptações feitas a partir de obras de literatura brasileira, temos "Dom Casmurro" e "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis e "O Cortiço" de Aluisio Azevedo.

Mas como mediar e lidar com a utilização de tais materiais atualmente em sala de aula, quando muito é discutida a carência de leituras (e leitores) de textos mais complexos, com encadeamentos de ideias mais profundos? Com este trabalho, pretendemos realçar algumas ideias de como privilegiar o aprendizado dos alunos com a ferramenta "Histórias em Quadrinhos".

Fundamentação teórica

É indiscutível a capacidade de circulação cultural das Histórias em Quadrinhos, desde que as gráficas espalhadas pelo mundo foram aprimoradas para produzirem seus conteúdos em grandes quantidades.

Tais conteúdos, além de terem a finalidade comercial, pretendiam - e, podemos afirmar que, no presente, ainda pretendem - atingir sumariamente o público leitor mais jovem. Isso é evidente na caracterização de personagens marcantes da Literatura em Quadrinhos: super-heróis e heroínas, mocinhas e vilões ávidos em sua juventude com muitos problemas. Alguns inacreditáveis, no tocante à passagem de uma vida comum a uma vida nova e com poderes (analogia à idealização da passagem da adolescência para a vida adulta), e outros, tipicamente pertencentes a essa fase da vida.

No entanto:

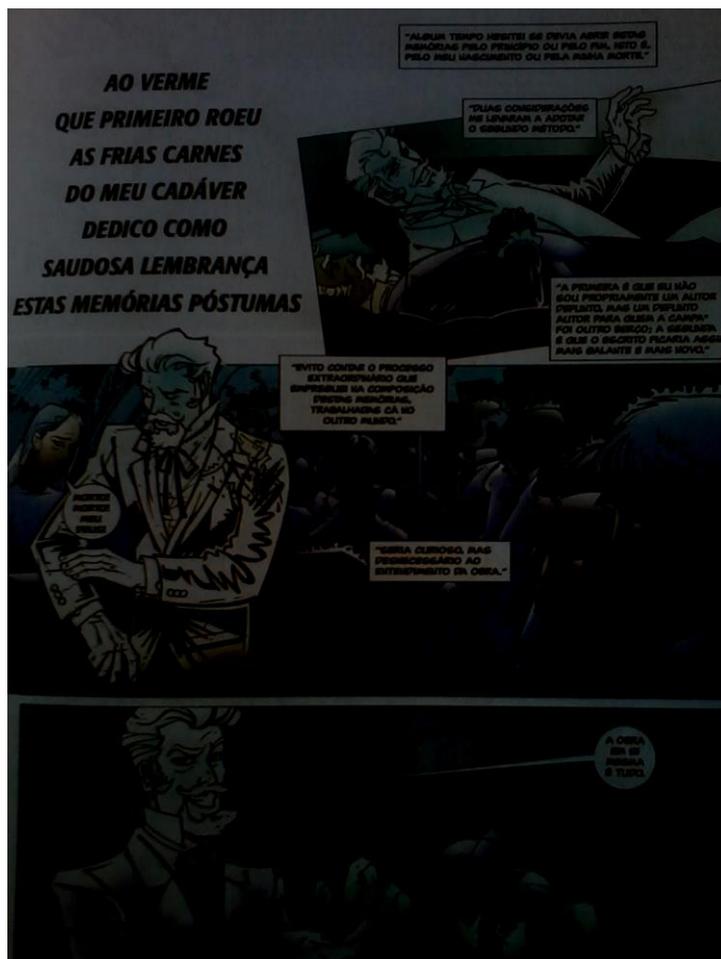
Pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQ's, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras "mais profundas", desviando-os assim de um amadurecimento "sadio e responsável". Daí, a entrada dos os quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta, do ambiente escolar (RAMA, *et al.*, 2004,p. 6).

Eis que o segmento literário dos quadrinhos se vale do sistema de elaboração de provas vestibulares, que pré-determina uma longa lista de obras indicadas para a leitura, e, junto a ilustradores, tradutores e outros profissionais adapta obras literárias extensas e de linguagem não tão acessível para facilitar a mediação de leitura dos alunos vestibulandos, desde que este público já esteja familiarizado com o gênero HQ. Sob este aspecto, Ramos (2009, p. 14) afirma que “[...] ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal)”, expressando que o total domínio de tal forma de escrita, “[...] mesmo que em seus conceitos mais básicos, é condição para a plena compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula e em pesquisas científicas sobre o assunto”.

A característica iconográfica das histórias em quadrinhos é um dos elementos chave para o sucesso de uma obra adaptada. É, pois, o elemento que liga o texto (falas e epígrafes) ao contexto do cenário e das personagens. Os componentes do que conhecemos atualmente, como histórias em quadrinhos são tão importantes que, na década de 1970, foi criado o “Código de Ética dos Quadrinhos”, com o intuito de não tornar desleal e obscura a produção e divulgação de todo material produzido e reconhecido no país. No entanto, segundo a pesquisadora de Literatura Brasileira da UFG, Vera Tietzmann, essa mudança de formato das histórias clássicas para gibis, resulta em grandes perdas de conteúdo. Tendo em vista que a subjetividade não será valorizada porque a temática estará facilitada e inibirá o processo imaginário do aluno, afinal, os detalhes importantes só existem nos livros em suas páginas originais e nenhuma imagem possui a riqueza das entrelinhas.

Abaixo, uma imagem extraída da adaptação de "Dom Casmurro" para HQ:

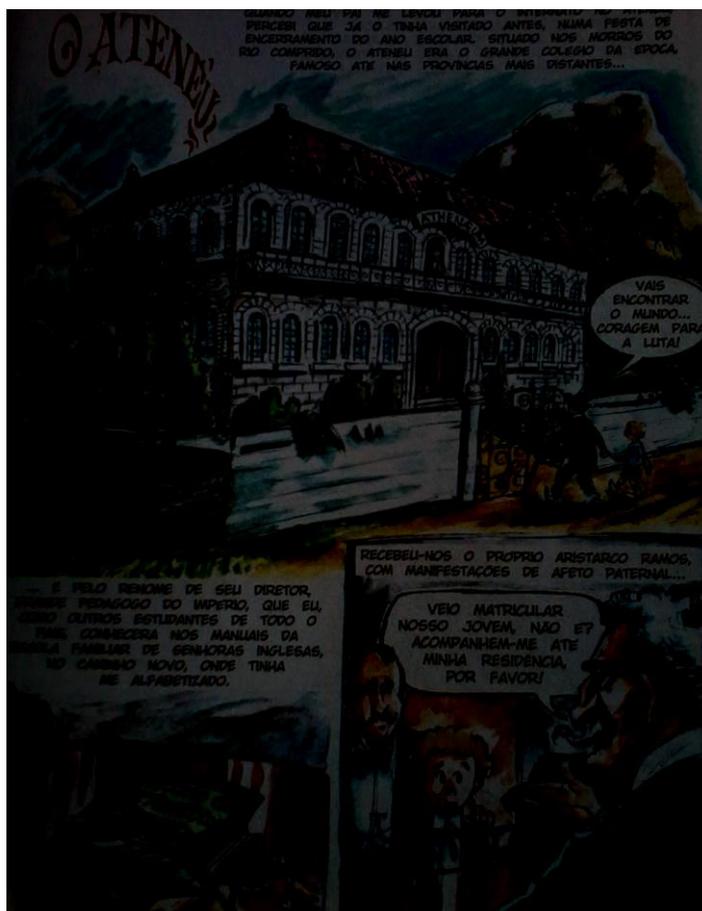
Imagem 1:



Abaixo, o texto original escrito por Machado de Assis, correspondente à cena contida na imagem 1:

"Alguns tempos hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: Diferença radical entre este livro e o Pentateuco. (Assis, 2009, p. 55)"

Imagem 2:



Transcrição integral do mesmo segmento da obra “O Ateneu” de Raul Pompéia:

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam. Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo — a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida. Eu tinha onze anos. (POMPEIA, 1996, p. 1)

Há uma discrepância bastante profunda entre as duas formas de escrita. Enquanto no romance, como texto integral, há várias inferências e dados secundários, no HQ podemos perceber o imediatismo e o dinamismo (facilitadores) como forma de aproximar o leitor mais

rapidamente à obra. Em contrapartida, elementos integrantes como citações e ligações externas feitas pelo autor na obra integral não são privilegiados, formando, assim, uma obra mais sintética, enxuta.

Tendo em vista as várias linguagens existentes no gênero Histórias em Quadrinhos e das possibilidades de trabalho distintas entre a utilização de obras na íntegra e das HQ's como recurso, foi aplicado um instrumento de pesquisa qualitativo com cinco professoras de Língua Portuguesa e Literatura de Ensino Médio das cidades de São Leopoldo e Parobé. As questões contidas em tal instrumento visavam saber se tais professoras trabalham e como trabalham as adaptações de obras da Literatura Brasileira em suas aulas.

Duas professoras responderam que não trabalham HQ's e adaptações, porém, uma utiliza as tiras da "Mafalda" e outra, do "Calvin e Haroldo". Três professoras afirmaram que já utilizaram uma coleção de clássicos de Literatura Brasileira em HQ (pertencente ao acervo da biblioteca da sua escola) em sala de aula e que os principais pontos positivos das adaptações literárias brasileiras para este gênero são a linguagem de mais fácil acesso e a presença das imagens que atraem mais num primeiro contato. As outras duas primeiras professoras entrevistadas responderam acreditar que as adaptações de Clássicos da Literatura Brasileira não facilitam o aprendizado por se tratarem de uma síntese da obra, sem detalhes importantes sobre o contexto e linguagens empregadas e por ser inviável de se trabalhar dessa maneira no Ensino Médio.

Considerações finais:

Com base nos elementos principais do gênero "História em Quadrinhos" apresentados no trabalho e de como podem se articular na sala de aula, podemos afirmar que cabe ao professor mediar a apresentação e utilização da obra integral e de suas adaptações para os quadrinhos, a fim de contemplar aspectos importantes do enredo, linguagem, cenários, caracterização física e psicológica das personagens.

Como educadores e profissionais de Literatura e Língua Portuguesa é preciso, pois, que viabilizemos para o educando e leitor em potencial as várias linguagens existentes em torno de um período, uma escola literária, ou mesmo uma obra de difícil compreensão. Assim, articulando e entremeando as diversas manifestações da literatura, sem atribuir a elas julgamentos precipitados, o aprendizado será ainda mais significativo, pois será permitido ao aluno experimentar possibilidades de conhecimento e identificação com a Literatura Brasileira e com o prazer da leitura na escola.

REFERÊNCIAS:

ANTONELLI, Ronaldo. Literatura Brasileira em Quadrinhos. O Ateneu. 2. ed. São Paulo: Escala Educacional, 2014.

ASSIS, Machado. Memórias Póstumas de Brás Cubas. 40. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

BARBOSA, M. Sonia; SEABRA, Sebastião (adaptação). Literatura Brasileira em Quadrinhos. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 2. ed. São Paulo: Escala Educacional, 2014.

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,primeira-historia-em-quadrinhos-no-brasil-completa-145-anos,1124792> Acesso em 20/5/2016.

<http://homoliteratus.com/proseando-adaptacao-de-classicos-louvavel-ou-condenavel/> Acesso em 20/5/2016.

RAMA, Angela *et al.* Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2009.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000297.pdf> Acesso em 20/5/2016.

ANEXOS:

Código de Ética dos Quadrinhos*

1. As histórias em quadrinhos devem ser um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação das virtudes sociais e individuais.
2. Não devendo sobrecarregar a mente das crianças como se fossem um prolongamento do currículo escolar, elas devem, ao contrário, contribuir para a higiene mental e o divertimento dos leitores juvenis e infantis.
3. É necessário o maior cuidado para evitar que as histórias em quadrinhos, descumprindo sua missão, influenciem perniciosamente a juventude ou dêem motivo a exageros da imaginação da infância e da juventude.
4. As histórias em quadrinhos devem exaltar, sempre que possível, o papel dos pais e dos professores, jamais permitindo qualquer apresentação ridícula ou desprimorosa de uns ou de outros.
5. Não é permissível o ataque ou a falta de respeito a qualquer religião ou raça.
6. Os princípios democráticos e as autoridades constituídas devem ser prestigiadas, jamais sendo apresentados de maneira simpática ou lisonjeira os tiranos e inimigos do regime e da liberdade.
7. A família não pode ser exposta a qualquer tratamento desrespeitoso, nem o divórcio apresentado como sendo uma solução para as dificuldades conjugais.
8. Relações sexuais, cenas de amor excessivamente realistas, anormalidades sexuais, sedução e violência carnal não podem ser apresentadas nem sequer sugeridas.
9. São proibidas pragas, obscenidades, pornografias, vulgaridades ou palavras e símbolos que adquiram sentido dúbio e inconfessável.
10. A gíria e as frases de uso popular devem ser usadas com moderação, preferindo-se sempre que possível a boa linguagem.
11. São inaceitáveis as ilustrações provocantes, entendendo-se como tais as que apresentam a nudez, as que exibem indecente ou desnecessariamente as partes íntimas ou as que retratam poses provocantes.
12. A menção dos defeitos físicos e das deformidades deverá ser evitada.
13. Em hipótese alguma, na capa ou no texto, devem ser exploradas histórias de terror, pavor, horror, aventuras sinistras, com as suas cenas horripilantes, depravação, sofrimentos físicos, excessiva violência, sadismo e masoquismo.

14. As forças da lei e da justiça devem sempre triunfar sobre as do crime e da perversidade. O crime só poderá ser tratado quando for apresentado como atividade sórdida e indigna e os criminosos, sempre punidos pelos seus erros. Os criminosos não podem ser apresentados como tipos fascinantes ou simpáticos e muito menos pode ser emprestado qualquer heroísmo às suas ações.

15. As revistas infantis e juvenis só poderão instituir concursos premiando os leitores por seus méritos. Também não deverão as empresas signatárias deste Código editar, para efeito de venda nas bancas, as chamadas figurinhas, objeto de um comércio nocivo à infância.

16. Serão proibidos todos os elementos e técnicas não especificamente mencionados aqui, mas contrários ao espírito e à intenção deste Código de Ética, e que são considerados violações do bom gosto e da decência.

17. Todas as normas aqui fixadas se impõem não apenas ao texto e aos desenhos das histórias em quadrinhos, mas também às capas das revistas.

18. As revistas infantis e juvenis que forem feitas de acordo com este Código de Ética levarão na capa, em lugar bem visível, um selo indicativo de sua adesão a estes princípios. 16 *
Elaborado por um grupo de editores brasileiros de revistas de histórias em quadrinhos, que incluía a Editora Gráfica O Cruzeiro, Editora Brasil-América Ltda, Rio Gráfica e Editora e Editora Abril. Fonte: SILVA, Diamantino da. Quadrinhos para quadrados. Porto Alegre: Bels, 1976. p. 102-104



Pesquisa a ser realizada com professores que já tenham graduação concluída. Faixa etária dos 25 aos 50 anos de idade e que ainda estejam lecionando.

- 1) Você utiliza Histórias em Quadrinhos em sala de aula?
- 2) Já utilizou em suas aulas adaptações em HQ's de obras literárias brasileiras? De qual/quais obra(s)?
- 3) Como era a adaptação?
- 4) Cite alguns aspectos positivos de se trabalhar com Literatura Brasileira adaptada para os quadrinhos em sala de aula.
- 5) Cite alguns pontos negativos de se trabalhar, em sala de aula, Literatura Brasileira em HQ's.